CISION

negócios

negocios.pt

ID: 104340879

24-03-2023

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Economia, Negócios e.

Pág: 12
Cores: Cor
Área: 25,70 x 32,00 cm²
Corte: 1 de 2

PEDRO SOUSA CARVALHO

BOLSA DE VALORES

Portugal é um dos países da União Europeia com menos grandes empresas e com mais microempresas. Entre as grandes e as micros, não existe nada, só um espaço vazio ("missing middle") porque as microempresas não conseguem escalar para ser pequenas, as pequenas para ser médias, e as médias para ser grandes.

O "vale da morte" das empresas portuguesas

E se os patrões das grandes empresas portuguesas deixassem os seus BMW, Teslas e Mercedes topo de gama e saíssem à rua a protestar contra a diabolização dos lucros e contra o preconceito em relação às grandes empresas? "Temos de ir para a rua" foi a mensagem (irónica, suponho) que Filipe de Botton deixou esta semana numa conferência da Associação Business Roundtable que junta empresários que representam metade do PIB português.

Nesta conferência foi apresentado um trabalho de investigação da Nova IMS sobre o papel que as grandes empresas têm na economia: a conclusão resume-se num parágrafo: 1% das empresas portuguesas são responsáveis por 57% do VAB, por 62% das exportações, por 48% dos gastos com pessoal, por 64% das contribuições para a Segurança Social e por 71% dos impostos.

A ilação a tirar parece óbvia. Precisamos de empresas maiores. Mas, afinal, quantas grandes empresas é que há em Portugal? Vamos deixar de lado o estudo e olhar para os dados do Eurostat que permitem comparar com a Europa. Em 2020 tínhamos 958 grandes empresas (aquelas que empregam 250 ou mais trabalhadores), ou seja, apenas 0,105% do total das empresas existentes em Portugal. Na Europa a 28, apenas a Grécia e a Itália tinham uma percentagem menor.

Olhando para o outro extremo, para as microempresas (aquelas que empregam 0 a 9 pessoas), Portugal já aparece no topo. Somos o quinto na Europa com mais microempresas: das 916.292 empresas existentes, 872.087 são micro.

No meio, entre as micro e as grandes, também existe um grande deserto, aquilo que alguns economistas chamam de "vale da morte", um território inóspito em que microempresas não conseguem escalar para serem pequenas, as pequenas não conseguem transformar-se em médias e as médias não dão o salto para serem grandes.

Há uns anos, a Deloitte e a COTEC fizeram um estudo semelhante, e davam conta de um espaço vazio ("missing middle") de empresas no primeiro estágio de dimensão de grande empresa, ou seja, a inexistência quase total de mid-caps em Portugal (empresas com 250 a 500 trabalhadores). Eram apenas 0,03% do total, mas representavam 4,68% da faturação global.

Aqui chegados, o que fazer para ajudar as empresas a atravessar este "vale da morte"? 1) Nada é mais certo neste mundo do que a morte e os impostos. Como tal, deveria haver maior progressividade fiscal: apenas a matéria coletável abaixo dos 50 mil euros é tributada a 17%. As empresas que estão a atravessar o "vale da morte" pagam os mesmos 21% de IRC do que as grandes. Apenas a derrama estadual introduz alguma progressividade. 2) Por falar em morte, há empresas que já morreram, mas continuam em atividade e a arrastarem-se: é o que os economistas chamam de empresas "zombies". Nem a banca nem o Estado deveriam gastar recursos a financiar e a subsidiá-las.

3) Libertávamos dinheiro para ressuscitar e dar escala às mid-caps saudáveis. No tal estudo, a COTEC identificava 18 tipologias de projetos abrangidos por incentivos a PME, e apenas nove eram de âmbito potencial para a candidatura das mid-caps. 4) Por fim, uma ideia deixada esta semana na conferência por António Rios Amorim: que o Banco de Fomento, que tarda em fazer prova de vida, financie operações de fusões e aquisições para que as empresas ganhem escala e consigam atravessar o tal "vale da morte". Não fazer isto é condenar a economia a uma morte lenta. ■

Coluna semanal à sexta-feira

O VALOR DA PALAVRA

"Nasci pobre, fiz contrabando, tratei bem as pessoas e dormi nas fazendas de café com a rapaziada."

RUI NABEIRO

Esta é uma frase de uma entrevista que Rui Nabeiro deu ao Expresso, aos 84 anos. Esta semana, aos 91 anos, o comendador morreu em Campo Maior, uma terra em que sempre acreditou e apostou. Do nada, ou melhor, de um grão de café, construiu um império avaliado em 400 milhões de euros. Nabeiro não foi só um "self made man", foi o expoente máximo do capitalismo solidário. Uma vida de 20 valores.

DE 0 A 20 VALORES

17

ALEXANDRE FONSECA

Chegou ao grupo há 11 anos quando a Altice comprou a Cabovisão. Em 2017, Alexandre Fonseca foi escolhido para substituir Cláudia Goya como CEO da Meo e já na altura alguns o chamavam de "homem Altice". Desde então tem feito uma ascensão meteórica no grupo. Passou a co-CEO da Altice na Europa e esta semana foi escolhido para ser "chairman" da Altice USA.

16

CHRISTINE OURMIÈRES

Não merecia ter saído da TAP pela porta pequena. É verdade que nem sempre geriu bem o tema da indemnização a Alexandra Reis, mas fez o mais importante que foi apresentar resultados. A companhia aérea conseguiu lucros pela primeira vez desde 2017 e antecipou em três anos a meta prevista no plano de reestruturação. Merece o bónus que vai receber e 16 valores na Bolsa de Valores.

14

HORTA OSÓRIO

Outro gestor que saiu pela porta pequena e não merecia. Abandonou o Credit Suisse porque violou as regras de quarentena durante a Covid e não teve tempo de dar a volta ao banco tal como fez com o Lloyds. Quando saiu vendeu as 2 milhões de ações que detinha no Credit e evitou as perdas provocadas pelo colapso do banco. Esteve apenas 9 meses no banco suíço, mas percebeu o que casa gasta.

CISION

negocios

ID: 104340879

24-03-2023

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Economia, Negócios e.

Pág: 1
Cores: Cor
Área: 6,02 x 1,84 cm²
Corte: 2 de 2

FIM DE SEMANA

negocios

negocios.pt

Sexta-feira, 24 de março de 2023 | Diário | Ano XVIII | N.º 4959 | € 3.30
Diretora **Diana Ramos** | Diretor adjunto **Celso Filipe**

ATIVOS
Gestora do JP Morgan entra em modo "stress"
MERCADOS 24 e 25

Duarte Roriz

Weekend

Entrevista a Sérgio Vasques

Isqueiros, cemitérios, cabarés ou bordados. Impostos em modo criativo

Injeção recorde no fundo das pensões dificulta compra de dívida pública

FEFSS é obrigado a ter metade da carteira em obrigações do país. Bom desempenho das contribuições está a complicar gestão, diz o presidente.

ECONOMIA 14 e 15

Calçado

Burocracia trava investimento de 10 milhões em Guimarães

EMPRESAS 18 e 19

Elite da bolsa sobe dividendos para ser mais competitiva

Lucros quase duplicaram em 2022

PRIMEIRA LINHA 4 a 7

Falhar prestação no crédito dita fim da bonificação

ECONOMIA 16 E 17

Publicidade

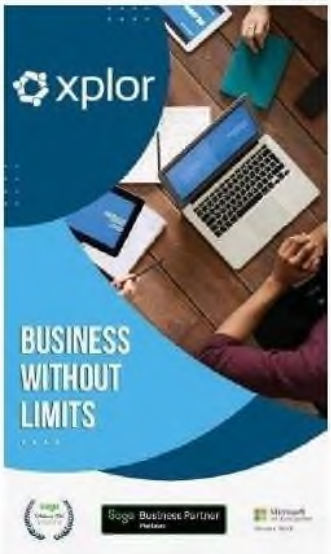
BASF
We create chemistry

BRUNO FARIA LOPES
Nadar nu é mais difícil quando a maré é baixa

J. BORGES DE ASSUNÇÃO
Seria mais prudente o BCE ter feito pausa na subida dos juros

PEDRO S. CARVALHO
Entre as micro e as grandes empresas existe um deserto

ARMANDO E. PEREIRA
Temos uma economia anémica e um Estado assistencialista

SEMANA 8 a 12, OPINIÃO 28 a 31

Publicidade